

A FACULDADE DA LINGUAGEM COMO SISTEMA DE REPRESENTAÇÃO DE BASE INATA OU UM INSTINTO?

*Sidriana Scheffer Rattova**

RESUMO: A linguagem é uma característica peculiar do ser humano e uma das questões fundamentais da Linguística é por que a faculdade da linguagem desenvolveu-se apenas em nossa espécie. Este trabalho apresenta os princípios teóricos em relação à faculdade linguagem sob o ponto de vista de duas correntes da Linguística Cognitiva. A primeira, de Noam Chomsky, que alega que a linguagem é uma propriedade de caráter essencialmente interno de base inata e que surgiu na espécie humana através da exaptação. A segunda, de Steven Pinker, que sustenta que a linguagem é uma propriedade de caráter interno e externo ao mesmo tempo, que forma um conjunto de atributos de várias naturezas e que evoluiu como qualquer outro ser vivo.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem; Faculdade da linguagem; Inatismo; Instinto.

INTRODUÇÃO

A linguagem é uma característica que define o ser humano e uma das tarefas fundamentais no campo da Linguística é tentar responder por que a linguagem é uma habilidade específica de nossa espécie. Na tentativa de responder a essa questão pesquisas tem focado seus estudos na investigação de um número de peculiaridades que a linguagem humana apresenta, tais como: (1) Como as crianças adquirem a linguagem de manei-

* Mestre em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Puc-RS).

ra relativamente rápida e aparentemente sem esforço?; (2) Quais são as características linguísticas idiossincráticas encontradas em todas as línguas humanas?; (3) Que conhecimento o falante deve possuir para adquirir a linguagem?; e (4) Como o cérebro lida com a linguagem?

A primeira questão diz respeito à natureza de ser um usuário da linguagem. O que a criança traz consigo que a capacita a adquirir a sua língua materna? Ela possui um conhecimento prévio especificamente linguístico? A segunda questão trata dos universais linguísticos. Há muitas línguas diferentes faladas em todo o mundo e ao que parece, todas possuem uma certa conformidade em relação a algumas regras. Quais são essas similaridades? E o mais importante, por que apenas determinadas características se assemelham e não outras? A terceira questão refere-se ao estado interno da faculdade da linguagem. O que todo o falante deve saber sobre a sua própria língua, e a linguagem em geral, para poder se comunicar satisfatoriamente? E, por fim, a quarta questão inquiri sobre a natureza do cérebro humano. Há específicas áreas no cérebro humano dedicada apenas à linguagem? Como o processamento da linguagem é conduzido por essas áreas? O que é diferente na mente humana? Essas diferenças são diretamente responsáveis pela linguagem? A linguagem pode mudar a maneira como pensamos?

Nenhuma dessas questões podem vir sozinhas e a resposta para algumas delas influenciam, ou são influenciadas pelas outras. A partir do momento que a Linguística afastou a visão de que a linguagem é um fenômeno aprendido dentro de um determinado ambiente cultural, e que há muito mais para se estudar do que, por exemplo, a variação entre os sistemas linguísticos, uma nova corrente iniciou-se dentro da Linguística que a aproximou das ciências cognitivas.

Este artigo apresenta os princípios teóricos que norteiam dois programas de investigação sobre a natureza da linguagem. O primeiro, de Noam Chomsky (1955), que iniciou a revolução cognitiva alegando que a linguagem é uma propriedade biológica, enraizada no cérebro e de propriedade inata. E a segunda, de Steven Pinker (1990), que afirma

que a linguagem é uma adaptação evolutiva, como o olho, cujas principais partes estão diretamente destinadas a desempenhar importantes funções.

1 Chomsky e a língua como sistema de representação mental de base inata

O desejo de descobrir os segredos da linguagem humana não é, de acordo com Chomsky (1997), uma preocupação dos estudiosos modernos ou contemporâneos, tendo em vista já ser uma aspiração da Antiguidade Clássica. No entanto, o estudo linguístico sob um olhar racionalista é o resultado de um programa de pesquisa empreendido pela Gramática Gerativa há quase cinquenta anos. Até essa data, as pesquisas linguísticas embasavam-se na influência teórica da corrente comportamentalista ou behaviorista, cujos seguidores acreditavam que a capacidade de fazer uso da linguagem verbal fosse resultado da aprendizagem. Além do mais, eles motivavam sua teoria em argumentos de cunho social: o ser humano vive em sociedade e, em virtude disso, necessita comunicar-se. Isso ocorre porque, para eles,

Os seres humanos vivem em comunidades sociais; a linguagem é um instrumento essencial na vida social das mulheres e dos homens, logo, a explicação última das propriedades da linguagem tem a ver com seu funcionamento social; em última instância, é um produto convencional da cultura dos seres humanos vivendo em sociedade, e não um produto natural ou mental (RAPOSO, 1992, p. 26).

Fica claro nessa passagem que os argumentos sociais prevalecem para explicar a linguagem. A língua, na visão abordada, é tomada como um instrumento de comunicação e aprendida, de acordo com Skinner (1974), por um mecanismo de estímulo-resposta.

Chomsky, por outro lado, idealiza a língua como um fenômeno individual, um sistema inato, determinado biologicamente e representado na mente/ cérebro de cada ser humano, e faz uma distinção entre linguagem externa (LE) e linguagem interna (LI). Segundo Cook (2007), a LE está em consonância com a tradição estruturalista americana, cujo principal objetivo é coletar modelos de línguas e, então, descrever as suas proprieda-

des. Também trata a linguagem como um fenômeno social, como um sistema de ações e comportamentos. Já a LI representa o estado mental, uma gramática cujo objetivo é descrever o conhecimento da língua que o falante possui, e não as sentenças que ele produz.

Na concepção chomskyana, a língua pode ser entendida como um fenômeno social apenas pelo fato de ser compartilhada por todos os membros da espécie. Assim, opondo-se aos estudos até então empreendidos, em 1957, Chomsky apresentou a tese que revolucionou os estudos linguísticos contemporâneos: a língua não é aprendida, mas adquirida, e o que deve ser explorado é a mente e não o ambiente. Para tanto, a linguística deve voltar-se ao estudo da LI, explorando o conhecimento dessa linguagem e as bases para atingir tal conhecimento. Segundo o autor, todos os seres humanos já nascem predispostos para adquirir a linguagem verbal, característica que os distingue das demais espécies animais.

Inaugurava-se, assim, a concepção “mentalista” de linguagem, segundo a qual a língua, longe de ser resultado de uma convenção social, é o produto natural da organização da mente humana, ou seja, uma estrutura internalizada pelo falante, que possui predisposição inata para selecionar e fixar parâmetros de variação da língua à qual é exposto.

A partir disso, pode-se afirmar que uma das principais contribuições de Chomsky (1997) para os estudos linguísticos foi a descrição científica da *faculdade da linguagem*. Segundo ele, o cérebro possui um dispositivo inato, uma espécie de “órgão” que o capacita a adquirir a linguagem. A esse dispositivo mental dotado de funções predominantemente linguísticas, Chomsky chamou de *Language Acquisition Device* (LAD). Para sustentar sua tese da existência da Faculdade da Linguagem, o linguista vale-se, basicamente, de três argumentos: a) apenas a espécie humana adquire a linguagem; b) a linguagem humana tem por base a propriedade da infinitude discreta; e c) há uma “pobreza de estímulos” ambiental durante o processo de aquisição.

Chomsky alerta para a pertinência de se admitir a existência, no cérebro humano, de um diferencial biológico em relação às demais espécies, considerando que nenhum outro animal, ainda que no convívio doméstico, adquire a propriedade da linguagem verbal.

E mesmo que algum tipo de animal “fale”, como o papagaio, o uso que ele faz da língua é bastante diferente daquele feito pela espécie humana, tendo em vista que um papagaio não é capaz de recorrer ao princípio da infinitude, que habilita a criança a produzir sentenças cada vez mais complexas a partir de simples usos. Segundo ele, “se a mente não possuísse já de antemão os princípios básicos, a criança não seria capaz de adquirir a propriedade da infinitude discreta” (CHOMSKY, 1997, p. 50). Além disso, mesmo ficando exposta a dados linguísticos irregulares, a frases ambíguas e a estruturas incompletas – o que ele chama de “pobreza de estímulos” –, a criança por volta dos três anos já adquiriu todas as estruturas de sua língua, sendo capaz de, a partir de um número finito de regras, produzir um número infinito de sentenças. Então, conclui-se que a faculdade da linguagem não só é única na espécie humana, como também é comum a todos os seus membros, fato que comprova a hipótese de que o mecanismo da linguagem é inato e biologicamente determinado.

Chomsky comparou esse fenômeno ao *Problema de Platão*. Quando Sócrates conduziu o jovem escravo à descoberta dos princípios da geometria apenas através de perguntas, outra questão surgiu e permanece até os dias de hoje: como foi que esse jovem, sem qualquer instrução ou informação, foi capaz de descobrir as verdades da geometria? Platão tentou responder a esse questionamento afirmando que o conhecimento foi lembrado de sua experiência anterior e foi reaceso na mente do menino pelo estímulo de Sócrates, através de suas perguntas.

A analogia feita por Chomsky foi a seguinte: como um indivíduo pode possuir um sistema de conhecimento específico tão complexo e tão rico sobre a sua língua, dada a pobreza de estímulos iniciais aos quais é exposto durante a fase de aquisição? Do ponto de vista platônico, assim, a linguagem para o indivíduo seria uma questão de retirar daquilo que é inato na mente. Chomsky também cita Humboldt quando afirma que não se pode de fato ensinar uma língua, mas simplesmente apresentar as condições nas quais ela se desenvolve na mente, de forma espontânea, com sua própria especificidade (CHOMSKY, 1971).

O estado inicial da faculdade da linguagem é o que Chomsky chama de Gramática Universal (GU). Seus princípios “oferecem um esquema altamente restritivo a que cada língua humana tem de se conformar, assim como condições específicas que determinam como a gramática de qualquer língua pode ser usada” (CHOMSKY, 1971, p. 83). Segundo Cook (2007), a GU é uma teoria de conhecimento, não de comportamento, ela se preocupa com a estrutura interna da mente. A natureza desse conhecimento é inseparável do problema de como ela é adquirida (COOK, 2007, p. 2). A aquisição da linguagem ocorreria, de acordo com o autor, de forma independente da inteligência e das experiências individuais, visto que acontece com base em dados bastante restritos e degenerados. A GU é, portanto, “a soma dos princípios linguísticos geneticamente determinados, específicos à espécie humana e uniformes através da espécie” (RAPOSO, 1992, p. 46).

A teoria da GU parte da hipótese de que todo o falante possui um conjunto de princípios que se aplicam a todas as línguas, e parâmetros que variam de uma língua para outra. Adquirir uma língua, portanto, significa aprender como esses princípios se aplicam a uma gramática particular e quais valores são apropriados para cada parâmetro. A teoria da GU procura integrar a gramática, a mente e a linguagem, que Chomsky procura desenvolver a partir de quatro questões:

- (1) O que constitui o conhecimento da linguagem?
- (2) Como esse conhecimento é adquirido?
- (3) Como esse conhecimento é colocado em uso?
- (4) Quais são os sistemas físicos no cérebro do falante que servem de base ao sistema de conhecimentos linguísticos?

O empreendimento gerativista se debruça, principalmente, à questão (2), tanto do ponto de vista filosófico/ epistemológico, como do ponto de vista da teoria gramatical propriamente dita (RAPOSO, 1992, p. 28). A questão (1) também é levada em conta e faz uma intersecção com a questão (2). Assim, qualquer proposta referente ao tipo de conhecimentos iniciais que a criança traz para o processo de aquisição tem que poder explicar apropriadamente o caráter dos conhecimentos adquiridos relativamente a uma língua par-

ricular, e qualquer proposta quanto ao caráter dos conhecimentos sobre uma língua particular tem de ser compatível com os conhecimentos iniciais da criança.

A questão (3) está na base da distinção feita por Chomsky (1965) entre competência e desempenho. Cowper (1992) assinala que todo o conhecimento linguístico que o falante possui faz parte da sua competência linguística, ao passo que o comportamento que o indivíduo demonstra exteriorizando a linguagem constitui o desempenho. A autora observa que a competência não é o único fator que influencia o desempenho linguístico. Raposo (1992) também considera que o desempenho de um falante põe em jogo questões de natureza social e psicológica independentes do conhecimento gramatical da língua. A estrutura, conteúdo e organização de qualquer enunciado são determinados por uma combinação de vários fatores e a competência é apenas um deles. Então, tudo o que um falante nativo diz não é um indicador da sua competência linguística, porque eventos externos também entram em jogo.

Com relação à evolução da linguagem, Chomsky sustenta a ideia de que a linguagem possa ter surgido através da exaptação ou *sprandel*, ou seja, algum desenvolvimento na história da evolução de nossos ancestrais teve como consequência o surgimento da faculdade humana da linguagem. Portanto, a faculdade da linguagem surgiu de forma imprevista de algum subproduto, talvez sem relação alguma com a linguagem.¹

Ainda, ao explorar a questão da evolução da linguagem, atualmente, Chomsky, juntamente com Marc Hauser e Tecumseh Fitch (2002) faz uma distinção terminológica e conceitual, dividindo a faculdade da linguagem em sentido amplo (Faculty of Language – broad sense – FLB) e em sentido restrito (Faculty of language – narrow sense – FLN). De acordo com os autores, a FLB inclui um sistema computacional interno (a FLN), combinado com no mínimo dois outros sistemas: (i) o sistema sensorio-motor; e (ii) o sistema conceitual-intencional.

¹ É importante ressaltar que a visão exaptacionista em relação à evolução da faculdade da linguagem humana não descarta a adaptação como um processo evolucionista; ela simplesmente atesta que, no caso da linguagem, qualquer alteração é restrita à evolução dos recursos que mais tarde adaptaram-se à linguagem.

A FLN é o núcleo computacional da faculdade da linguagem, o subsistema cognitivo que captura um conjunto finito de elementos e produz um conjunto potencialmente infinito de expressões discretas. Cada uma dessas expressões discretas passa pelo sistema sensorio-motor (fonética e fonologia) e conceitual-intencional (semântica e pragmática) que processa e elabora essa informação e a transforma em linguagem em uso. HCF argumentam que o que é único à espécie humana é específico à FLN, ao contrário da FLB, que pode ser compartilhada com outras espécies.

A hipótese de HCF define a FLN como sendo um elemento interno da teoria linguística, portanto, não há a possibilidade de haver uma abordagem interdisciplinar ou de interface. Assim, a FLN permanece apenas no domínio da linguística. Ainda para os autores, no processo evolutivo da linguagem, a FLN pode ter evoluído para outras habilidades cognitivas, além da linguagem.

2 Pinker e a linguagem como um instinto

As pesquisas sobre cognição se solidificaram na década de 60, tendo como pilares Turing² e Chomsky (CANDIOTO, 2012). Tanto a tese da Gramática Gerativa de Chomsky quanto a Máquina Combinatória de Turing influenciaram o meio intelectual das décadas seguintes, idealizando o pensamento como um processamento linguístico. A partir de 1970, os estudos sobre a mente passaram a contar com o ressurgimento de uma nova tendência de pesquisa, a Psicologia Evolucionária, quando o panorama científico passou a contar com a renovação do interesse pelas bases biológicas do comportamento humano.

A Psicologia Evolucionária institui uma síntese entre duas revoluções científicas: a Ciência Cognitiva e a Biologia Evolucionária. Com a Ciência Cognitiva ressurgiu o interesse pela explicação do pensamento relativo a aspectos internos, traduzidos em termos de informação e computação. Já a Biologia Evolucionária reacendeu os argumentos dar-

² A máquina abstrata de Alan Turing ou máquina de Turing identifica como a função computável, qualquer função que possa ser processada por ela. Intuitivamente, a máquina de Turing torna a computação uma atividade semelhante à que ocorre em uma fábrica. Os valores iniciais de uma função computável são a matéria-prima e os valores finais são o produto (SILVA e MELO, 2006, p.xi)

winistas, mas com acréscimos da genética, concebendo os aspectos adaptativos das espécies mediante a seleção de seus replicadores.

A Psicologia Evolucionária, segundo Buss (2009), pressupõe que os indivíduos evoluem a partir de dois princípios: (a) o princípio da seleção natural, ou seja, eles são programados para se comportarem, pensarem e aprenderem segundo formas que favoreceram a sobrevivência ao longo de várias gerações; e (b) o princípio da seleção sexual, que permite que os genes relacionados a comportamentos facilitadores de sobrevivência passem de geração a geração porque se adaptam aperfeiçoando a forma de sobrevivência. Pressupõe ainda que, em relação à aprendizagem, o ser humano é moldado na maior parte de seu desenvolvimento pelo meio ambiente biológico.

Assim, essa disciplina apoia-se na teoria da evolução e busca fazer uma interface com outras disciplinas que incluem Antropologia, Ecologia Comportamental, Biologia Nuclear, Genética, entre outras, na busca de resposta de tais questões. Porém, a base dessa disciplina escora-se essencialmente nos estudos da cognição, visto que abordam os processos cognitivos como sistema de processamento de informação.

Com base nas contribuições de Chomsky quanto ao modelo de uma gramática profunda de aspecto inato e da Biologia Evolucionária quanto à identificação dos motivos adaptativos da linguagem, Steven Pinker fundamenta a sua teoria de que a linguagem é resultante da evolução da espécie humana. Embora Chomsky tenha identificado um órgão da linguagem, recusava a explicação evolutiva de sua origem, questão que é levada adiante por Pinker, ao afirmar que a linguagem é decorrente de uma adaptação evolutiva, como um olho, destinada a desempenhar importantes funções para a espécie humana (PINKER, 2002, p. 17)

Seu ponto de apoio, portanto, é essencialmente a Psicologia Evolucionária, que é a fusão entre Ciência Cognitiva e Biologia Evolucionária³. Um dos pressupostos dessa disciplina é que os processos evolutivos operam nos diversos níveis de adaptações, desde

³ A Psicologia Evolucionária procura entender o que é a mente e como ela funciona, ao passo que a Ciência Cognitiva procura mostrar os motivos que oportunizam a sua existência.

os mais simples, como a adaptação visual (percepção), até as mais complexas, como a de representação e compreensão do mundo (descrição e informação) ou os psicológicos emocionais e, ainda, aquelas mais sutis, como interação social (estratégias de convivência). A singularidade do cérebro humano e de suas capacidades, na perspectiva evolucionária, é fruto de adaptação a seu próprio nicho ecológico. Nos milhões de anos de seleção natural, o desenvolvimento extremo de estruturas corticais, córtex cerebelar e o acúmulo de áreas de associação no neocórtex passaram a estabelecer aspectos específicos da constituição humana (PINKER, 2002).

As capacidades cognitivas, por vezes consideradas especiais, para a Psicologia Evolucionária desenvolveram-se a partir de adaptações individuais e isoladas. Na tentativa de compreender como o cérebro funciona, as adaptações cognitivas cerebrais humanas devem ser consideradas como mecanismos estruturais físicos e neurais. Sendo assim, a mente foi projetada pela seleção natural para solucionar problemas de engenharia e, por isso, é equipada com vários sistemas, entendidos como os órgãos de computação, especializados em resolver seus respectivos desafios. A mente, desse modo, é o resultado da ação que “se desenvolve espontaneamente na criança, sem qualquer esforço consciente ou instrução formal, que se manifesta sem que se perceba sua lógica subjacente, que é qualitativamente a mesma em todo indivíduo, e que difere de capacidades mais gerais de processamento de informações ou de comportamento inteligente” (PINKER, 2002, p. 9).

Para sustentar a tese adaptacionista de mente, Pinker esclarece que o comportamento humano não deve ser entendido, em sua totalidade, como adaptativo no sentido darwiniano. A Psicologia Evolucionária entende que o objetivo da seleção natural não é garantir um comportamento biologicamente mais adequado possível, mas sim garantir a maximização do número de cópias de seus replicadores: os genes. A seleção natural, portanto, acumula as vantagens obtidas pelos diferentes replicadores, ou seja, “seleciona os replicadores que replicam melhor” (PINKER, 1998, p. 420).

Outra linha argumentativa na definição de mente adotada por Pinker é a Teoria Computacional da Mente (TCM)⁴. De acordo com Pinker (1998, p. 35), a TCM resolve uma das dificuldades que compõem o “problema mente-corpo”, que é como conectar o mundo do significado e da intenção, a essência da nossa vida mental, a um pedaço físico de matéria como o cérebro. Segundo essa teoria, as crenças e os desejos são informações representadas por símbolos definidos como bits de matéria: os neurônios. Esta equiparação entre neurônios e chips como condutores de símbolos para cérebros e computadores é a base da TCM. Então, para Pinker, a mente é o que o cérebro faz e seu conteúdo é obtido pelos padrões de conexões e das atividades dos neurônios.

Portanto, a mente é um sistema de órgãos, e não como um único órgão, concebidos como faculdades psicológicas ou módulos mentais, os quais precisam estar necessariamente isolados um dos outros. Esses módulos se definem pelas capacidades de ações a partir das informações que estão à sua disposição e não apenas pelos tipos de informações de que dispõem. Portanto, mesmo que a mente possua uma complexa estrutura inata proporcionada pelo programa genético, Pinker também considera o aprendizado. Cada módulo possui uma forma de aprendizagem própria, de acordo com uma lógica específica. Assim, por exemplo, a linguagem, a aprendizagem e o pensamento são funções intelectuais distintas, não há influência de uma sobre a outra.

Em relação à linguagem, Pinker (2002, p. 11) afirma que “é um produto de um instinto biológico bem planejado” e sustenta a sua teoria a partir de cinco argumentos: (1) a linguagem é universal; (2) as línguas possuem um design comum, visto que todas as sutilezas e complexidades gramaticais podem ser encontradas em todas as línguas do mundo; (3) as fases para a aquisição da linguagem passam pelo mesmo estágio sistemático com todas as crianças, inclusive os erros; (4) crianças colocadas juntas, sem uma língua culturalmente transmitida, desenvolvem uma linguagem própria; e (5) a linguagem e a in-

⁴ Esta teoria tem como base Turing (1936) e Fodor (1983).

teligência em geral são independentes, visto que crianças que apresentam fortes restrições cognitivas e intelectuais muitas vezes apresentam um desenvolvimento linguístico normal.

Dessa forma, para Pinker, apenas a seleção natural pode explicar a evolução de tamanho complexo *design* adaptativo que é a linguagem. Os circuitos de informação e processamento necessários para produzir, compreender e aprender uma língua requerem uma organização considerável, que não pode ser obtida aleatoriamente, porque a linguagem não é apenas um conjunto de rótulos simbólicos para conceitos, ela é um sistema integrado que contém um léxico, vários componentes gramaticais e uma interface com sistemas de entrada e saída (*input e output*). “E essa complexidade não está aqui apenas para mostrar, mas tornar possível uma habilidade notável: a linguagem é uma forte força expressiva, de rápida aquisição pelas crianças e usada eficientemente pelos adultos, com o objetivo de dizer quem fez o quê, para quem, quando e onde” (PINKER, 2003, p. 27).

Enquanto Chomsky procura investigar o que constitui o conhecimento da linguagem, como este conhecimento é adquirido e colocado em uso e quais são os sistemas físicos no cérebro do falante que servem de base ao sistema de conhecimentos linguísticos, Pinker desenvolve sua teoria a partir de três questões (PINKER e BLOOM, 1990):

- (1) Qual é a função da linguagem?
- (2) Quais são as demandas em engenharia em um sistema suposto a realizar tal função?
- (3) Os mecanismos da linguagem são adaptados para atender tais demandas?

Segundo os autores, o aspecto mais marcante da linguagem é seu poder expressivo, a habilidade que temos de transmitir um número ilimitado de ideias de uma pessoa para outra através de uma estrutura de sons (PINKER, 2003). Humanos adquirem uma enorme quantidade de informações durante a sua vida e, ao repassar essas informações, estamos compartilhando nosso conhecimento acumulado e da mesma forma nos apropriamos do conhecimento alheio. Isso resulta em economia de tempo e nos permite evitar possíveis erros e tentativas fracassadas, o que nos fornece uma vantagem enorme na hora de competir com outras espécies.

Os aspectos mais significativos da faculdade da linguagem são aqueles que permitem que tais informações sejam transmitidas, como, por exemplo, as palavras. Como Saussure (1916) já havia afirmado, uma palavra é um signo arbitrário: uma conexão entre um sinal e um conceito compartilhado pelos membros de uma determinada comunidade. Os símbolos que subjazem uma palavra são bidirecionais (PINKER, 2003), ou seja, se podemos usar uma palavra, significa que a compreendemos e que alguém mais a usa e vice-versa. Então, quando as crianças aprendem palavras, elas não o fazem imitando seus pais, nem tampouco são recompensadas pela fidelidade a qual elas repetem os sons. Ao invés disso, as crianças têm a habilidade de apreender as palavras emitidas por outros indivíduos, e sabem instintivamente que serão compreendidas ao emitirem a mesma palavra.

O segundo aspecto importante da faculdade da linguagem é a gramática. Segundo Pinker (2003), não aprendemos palavras isoladas, ao contrário, nós as combinamos com palavras maiores, frases e sentenças, ou seja, o princípio da infinitude discreta. Dessa maneira, a nossa capacidade de formar sentenças infinitamente só é possível porque o nosso conhecimento de gramática constrói-se sobre categorias abstratas, como substantivos, verbos, etc., e não sobre conceitos concretos (palavras).

Naturalmente, conforme o autor, a gramática compreende muitas regras que se dividem em subsistemas. O componente mais proeminente é a sintaxe, e uma de suas ferramentas é a ordem linear, o que nos permite distinguir enunciados como *O homem mordeu o cachorro* de *O cachorro mordeu o homem* (PINKER, 2003, p. 18). Porém, a linearidade da sintaxe é superficial. Uma sentença tem uma estrutura hierárquica que nos permite transmitir proposições constituídas de ideias encaixadas em outras ideias.

A sintaxe, conforme Pinker (2003), também envolve uma estrutura de argumentos e predicados. Assim, para entendermos uma sentença não podemos simplesmente prestar atenção na ordem das palavras e nem na maneira como elas estão agrupadas. Precisamos observar a informação associada ao predicado, normalmente um verbo, que especifica como seus argumentos estão dispostos na sentença. Outros aspectos relevantes da sintaxe são os traços de movimento, transformação e ligação. Uma vez que especificamos a es-

trutura hierárquica na qual as palavras de uma sentença estão conectadas, um conjunto adicional de operações pode alterá-las de alguma forma. Por exemplo, uma sentença na voz ativa ou na voz passiva expressa a mesma informação, porém, a relevância dessa informação será de acordo com a posição que os elementos ocupam na frase. Igualmente, sentenças nas quais uma frase é substituída por pronomes interrogativos⁵ e estes são movidos para o início da frase permitem ao falante identificar os participantes de um evento ou relacionamento (PINKER, 2003).

Contudo, de acordo com Pinker, a sintaxe é apenas um componente da gramática. Segundo o autor, todas as línguas possuem um segundo sistema combinatório, a morfologia, que permite que simples palavras ou partes das palavras (como prefixos e sufixos) sejam agrupadas para produzir palavras mais complexas. O terceiro sistema combinatório é a fonologia, que governa os padrões de som da língua. Em todas as línguas há um inventário de gestos combinados em sequências, sendo que cada uma dessas sequências define uma palavra. Essas combinações são governadas por regras fonológicas e restrições que funcionam de maneira similar em todas as línguas, porém, os aspectos específicos de cada língua precisam ser aprendidos. A fonologia também contém um conjunto de regras de ajuste que, depois de as palavras serem definidas e combinadas em frases, suavizam as sequências dos gestos articulatórios para facilitar a pronúncia e compreensão. Esse ajuste frequentemente funciona para facilitar a articulação e tornar o discurso mais claro, de forma que seja consistente em todas as línguas.

Pinker alega que a gramática é apenas um componente da linguagem e que ela faz interface com no mínimo quatro outros sistemas da mente: (1) a percepção; (2) a articulação; (3) o conhecimento conceitual; e (4) o conhecimento social. Esses sistemas também possuem funções não linguísticas e podem ter sido transmitidos dos primatas, e ao menos um destes aspectos pode ter evoluído especificamente para a linguagem.

⁵ Do inglês Wh-questions (who, where, when, etc.).

CONCLUSÃO

As divergências entre Chomsky e Pinker sobre o papel da linguagem ocorrem em virtude das diferenças metodológicas sobre o que cada um entende por faculdade da linguagem. A ciência, principalmente de Chomsky, sempre teve um caráter formal e cognitivo ao mesmo tempo. Por isso, para Chomsky, a linguagem é forma e não conteúdo, de caráter interno e enraizada no cérebro.

Por outro lado, para Pinker, a linguagem é uma propriedade interna e externa ao mesmo tempo, que forma um conjunto de atributos de várias naturezas e que evolui como qualquer ser vivo. Ela surgiu como uma adaptação para satisfazer a necessidade do ser humano de comunicar quem fez o quê, para quem, quando e onde. Então, o essencial da linguagem é o seu potencial como um todo.

Apesar de todas as divergências entre Chomsky e Pinker, é notório que ambos praticam Linguística como Ciência Cognitiva. Conforme afirma Costa (2013)⁶, os autores representam uma perspectiva que abalou às Ciências Sociais enquanto Ciência da Linguagem.

THE FACULTY OF LANGUAGE AS A SISTEM OF MENTAL REPRESENTATION OF INATE BASIS OR AN INSTINCT?

ABSTRACT: Language is a peculiar characteristic of the human being and one of the fundamental questions of Linguistics is why language faculty developed only in our species. This paper presents the theoretical principles regarding the language faculty from the point of view of two chains of Cognitive Linguistics. The first one, by Noam Chomsky, who argues that language is an essentially internal character of innate property basis and that it arose in the human species by exaptation. The

⁶ Palestra proferida em 06 de abril de 2013 – PUCRS –

second one, by Steven Pinker, who argues that language is a property of internal and external character at the same time, while forming a set of attributes of various kinds, which evolved as any other living being.

KEYWORDS: Language; Language faculty; Innateness; instinct.

REFERÊNCIAS

BUSS, David M. The great struggles of life: Darwin and the emergency of evolutionary psychology. *American Psychologist*, v. 64, p. 140-148, feb. /mar. 2009.

CANDIOTTO, Kleber B. B. Limites da Teoria Computacional da Mente: Divergências com a Psicologia Evolucionista. In: CARMO, J. S.; SANTOS, R. (ed.). *Ética, linguagem e antropologia: perspectivas modernas e contemporâneas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012, p. 180 - 202.

CHOMSKY, Noam. Logical Syntax and Semantics: Their Linguistic Relevance. *Language*, v. 31, n. 1, p. 36 – 45, 1955.

_____. *Syntactic structures*. Mouton: The Hague, 1957.

_____. *Language and mind*. Petrópolis: Vozes, 1971.

_____. Novos Horizontes no Estudo da Linguagem. *DELTA*, v 13, p. 49-72, 1997. Número especial.

COOK, Vivian; NEWSON, Mark. *Chomsky's universal grammar: An introduction*. Oxford: Blackwell, 2007.

COWPER, Elizabeth A. *A concise introduction to syntactic theory: the government-binding*. Chicago: Approach The University of Chicago, 1992.

HAUSER, Marc D.; CHOMSKY, Noam; FITCH, William T. The Faculty of Language: What Is It, Who Has It, and How Did It Evolve? *Science Compass*, v. 298. p. 1569-1579, nov. 2002.

PINKER, Steven; BLOOM, Paul Natural Language and Natural Selection. *Behavioral and brain sciences*, v. 13, n.4, p. 707-784, 1990.

PINKER, Steven. *Como a mente funciona*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. Language as an adaptation in the cognitive niche. In: KINKY, S.; Christiansen, M., *Language evolution: States of the Art*. New York. Oxford University Press, 2003, p. 16-37.

RAPOSO, Eduardo P. *Teoria da Gramática: a Faculdade da Linguagem*. Lisboa: Caminho, AS, 1992.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].

SILVA, Flávio S. C.; MELO, Ana C. V. *Modelos clássicos de computação*. São Paulo: Thomson Learning, 2006.

*Recebido em 25/03/2014.
Aprovado em 11/04/2014.*